



do

DISTRITO



QUINZENÁRIO (de) FIGUEIRO DOS VINHOS

Avença

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

25 de Fevereiro de 1972

Proprietário *Dr. Ernesto Lacerda*

Director: *Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado*

Chefe da Redacção: *Prof. A. Paula Santos*

ANO XX — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRO DOS VINHOS — TELEFONE 42 307 — N.º 460

A NOSSA TERRA

São muito frequentes, em certas tertúlias desta nossa terra, as lamentações pela falta de progresso, que se diz, enfermar este concelho, mais concretamente, a própria sede.

Como é natural, vem sempre à balha a necessidade de montagem de novas indústrias que possam fomentar o natural desenvolvimento sócio-económico, propulsoras da riqueza urbanística e da melhoria do nível de vida local.

É natural e humano, as pessoas bem intencionadas e desejosas de verem a promoção da sua terra, reagirem a seu modo, quando não vêm realizadas as suas esperanças. Isso é, afinal, uma reacção lógica e comum a todas as gentes de todas as terras. Nós também pertencemos ao grande número dos mortais que não se conformam com a estagnação. Toda a gente sabe que parar é morrer.

O que nós não podemos aceitar, pelo menos sem reparo, é o pernicioso espírito crítico-destrutivo, quase sempre aliado a uma fértil imaginação, que fabrica culpados e aponta a dedo os responsáveis da falta de concretização dos seus sonhos.

Chega-se ao desolante de acusar os responsáveis da administração local, de não ter aqui sido montada uma indústria de celulose, quando foi do conhecimento público que essas pessoas visadas, tudo fizeram ao seu alcance, até com algum sacrifício material, para que esse complexo fabril cá se instalasse, o que não foi possível por vasto número de contrariedades, que começou pela falta de autorização governamental, e continuou pela falta de área plana, volume de água para fabrico, curso de água com capacidade de drenagem de resíduos, etc..

A *cegueira* voluntária chega ao ponto de se dizer que não quiseram cá uma indústria de argila, que foi montada a 20 quilómetros, dentro da própria área da matéria prima, que aqui infelizmente não temos.

Seria difícil relatar, num simples e desprezencioso artigo, os casos das charlas aleivosas que por aí fora se vão desfiando e que será difícil estancar.

Mas acima de tudo, o mais chocante para nós, é a ingenuidade de alguns crentes. Se uns são maldosos os outros, os que acreditam, e só esses, confrangem pela inocência.

Esta terra precisa, sem dúvida, de acelerar o seu progresso, como tantas outras. Ele depende em muito da montagem de indústrias, mas só as haverá, e se manterão, se oferecerem o rendimento necessário para as empresas que arrisquem o capital, portanto indústrias adequadas ao meio. Mas não é com críticas tendenciosas e descabidas que elas se montarão

F. P.

VIDA MUNICIPAL

No princípio do mês corrente, reuniu-se em sessão ordinária o Conselho Municipal, para apreciação e votação do relatório das contas de gerência relativo ao ano transacto, o qual foi aprovado por unanimidade.

O Senhor Dr. Henrique Vaz Lacerda que presidiu à reunião, fez uma resenha dos acontecimentos mais relevantes ocorridos em 1971, citando entre eles a honrosa deferência concedida ao concelho, escolhendo-o, na pessoa do seu presidente para representar o distrito no II colóquio dos Municípios de Portugal, realizado em Lourenço Marques.

Não esqueceu, também, uma alusão à jornada de amizade junto dos figueiroenses radicados em Moçambique, onde foi portador do abraço fraterno dos irmãos da metrópole.

Salientou ainda o ilustre ma-

gistrado administrativo a importância do convite feito pela Câmara Municipal de Nampula, para estar presente às comemorações da fundação daquela cidade, missão da qual, nesta data já podemos dizer, se desempenhou com a dignidade que na altura disse desejar, e que nós agora podemos acrescentar—com o brilho, garantido antecipadamente pela sua ilustre personalidade.

Ao terminar o preâmbulo do seu último relatório de contas, ainda o Sr. Dr. Henrique Lacerda fez uma breve observação à integração dos serviços de electricidade na Federação de Municípios do Distrito de Leiria.

Entretanto mais especificamente no relatório de contas apresentado pelo Sr. Presidente, verifica-se que, no ano de 1971, a Câmara movimentou cerca de

A Página 4

IGREJA MATRIZ

Terminadas as importantes obras de reconstrução a que se procedeu na Igreja Matriz da nossa vila, restam agora alguns acabamentos de pormenor, tais como renovação da pintura dos altares e aposição no altar mór do famoso quadro de Malhoa «O Baptismo de Cristo», que se encontra em restauração num estúdio da especialidade em Lisboa.

Pelos motivos expostos resolveu o Pároco da Freguesia, Rev. Padre Belarmino Soeiro, não demorar mais tempo a reabertura ao culto da nossa Igreja principal, o que teve lugar no dia 12 de Fevereiro, e proceder à inauguração solene quando terminadas todas as beneficiações.

Regresso

Depois de 16 dias totalmente vividos e ocupados em actos oficiais, de excitante romagem de amizade, e de recreio, pela África Oriental Portuguesa e vizinha União Sul Africana, regressou a Lisboa na manhã do passado dia 20, e mais tarde a Figueiró, o Senhor Dr. Henrique Vaz Lacerda, acompanhado de sua excelentíssima esposa, que no aeroporto tiveram afetuosa recepção.

Sua Excelência mais uma vez, agora no fim do seu mandato de Presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, teve oportunidade de verificar o amor à terra natal dos figueiroenses radicados em África, e admiração e estima pela sua pessoa.

Ao Serviço da Pátria

Dr. Jorge Frias Fernandes

A passar algumas semanas de férias, encontra-se entre nós, de visita a sua excelentíssima esposa e filhinho, o nosso prezado amigo distinto Sr. Dr. Jorge Frias Fernandes, em serviço militar na Guiné.

Dr. Fernando Lacerda Morgado

De visita a sua excelentíssima esposa e filhinhos encontra-se em Lisboa, e esteve nesta vila de visita a seus queridos familiares, o nosso ex.^{mo} amigo e ilustre magistrado, Senhor Dr. Fernando Lacerda Morgado, em serviço militar na Guiné.

José Godinho de Jesus

Regresou a esta vila, depois de ter cumprido a sua missão militar em Angola, o Senhor José Godinho de Jesus.

SERÁ VIÁVEL UM PARQUE DE CAMPISMO

ENTRE NÓS?

Não sei que graves ofensas têm os *Figueiroenses*, dos carvalhos para submetê-los, com frequência inquietante, a *conselhos de guerra* que, sem apelo nem agravo, os condena a pena capital.

Será que o porte altivo e atlético dos carvalhos, opondo resistência heróica e, quase sempre, vitoriosa aos assaltos violentos e demofacos das furiosas e devastadoras tempestades; a sua ramagem farta e verde-escura, derramando, no ambiente, sombra, frescura, suavidade, perfume e beleza; as suas landes ou bolotas quais brincos de esmeraldas no primeiro ciclo vegetativo e de rubis no da maturação, adornando e brilhando nas vitrinas das copas, expostas nas galerias da floresta para admiração dos seus visitantes; o oxigénio, produzido abundantemente e de graça no laboratório natural das suas folhas e indispensável à manutenção das vidas humana, animal e vegetal; a madeira sólida dos seus troncos e ramos, utilizada na marcenaria, tanoaria, construção civil, carvoaria, serração de tábuas para caixões que piedosamente nos privarão o corpo, depois da morte, do contacto directo da terra maculosa e fria da sepultura; será porque tudo isto, repito, serão peças dispensáveis na arquitectura do amplo, luxuriante e majestoso oceano vegetal, no centro do qual a NOSSA VILA—Figueiró dos Vinhos—é uma ilha de sonho pelo seu encanto; de repouso

pela amenidade do clima; de recuperação de saúde e tonicidade de nervos deprimidos pela acção benéfica do oxigénio, existente, abundantemente, na sua atmosfera não poluída ainda, graças a Deus, pelos gases nocivos saídos dos escapes dos automóveis e dos aviões e das chaminés das fábricas, poluição que, conjuntamente com a dos mares, lagos e rios, está causando, nos grandes centros urbanos e industriais, graves preocupações aos *Governos* conscientes da sua responsabilidade porquanto a existência das vidas humana, animal e vegetal começa a atravessar uma fase crítica. Que Deus ilumine a inteligência e reforce a vontade dos *Homens* para que detenham, na rampa, a queda da catástrofe que, a ritmo perigoso, se avizinha.

Acho perfeitamente natural que me seja feita a pergunta:

—Qual a finalidade do arrazoado acima expresso que, vestido numa indumentária, pretensamente, literária, parece

A Página 3

Homenagem

ao Sr. Presidente da Câmara

Embora ainda não nos seja possível anunciar o dia certo da homenagem que vai ser prestada ao Sr. D. Henrique Vaz Lacerda, que no próximo dia 3 de Março completa 12 anos de administração Municipal, e por esse motivo cessa as suas funções, informamos entretanto que ela terá lugar depois da aquela data.

ANTOLOGIA DE POETAS

DOM DINIS

Na noite escreve um seu cantar amigo
o plantador de naus a haver,
e ouve um silêncio múrmuro consigo:
é o rumor dos pinhais que, como um trigo
de Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,
busca o oceano por achar;
e a fala dos pinhais, marulho obscuro,
é o som presente desse mar futuro,
é a voz da terra ansiando pelo mar.

Fernando Pessoa

Encomende à TIPOGRAFIA

Vende-se

deste JORNAL

Máquina de tricotar de marca Knitax em segunda-mão em ótimo estado. Nesta redacção se informa.

os impressos que necessita

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES
MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas às 2.^{as}, 3.^{as}, 4.^{as}, 6.^{as} e sábados das 9 às 12 horas e 5.^{as} e sábados das 15 às 17 horas.

Telefone 42498

FIGUEIRO DOS VINHOS

Manuel Alves da Piedade

Médico

CLÍNICA GERAL

Telefone 42498

FIGUEIRO DOS VINHOS

Luis Frias Fernandes

Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEFONE 42438

FIGUEIRO DOS VINHOS

Manuel Henriques Coelho

Fábrica de artigos de cimento

Depósitos para vinho e sulfato, garrafeiras, Grelhagens para construção civil, manilhas, postes para vinhas, etc., etc.

Telef. 18 (Lameira Cimeira)

Pinheiro do Bolim
Pedrógão Grande

Especialidade Regional de Figueiró dos Vinhos

CONFITARIA



SANTA LUZIA

O MELHOR PÃO DE LÓ
(MARCA REGISTRADA N.º 10545)

de A. C. Campos

Telefone 42129

FIGUEIRO DOS VINHOS

Transporte de Mercadorias

Furgoneta de Aluguer

DE

José Telhada Assunção

FIGUEIRO DOS VINHOS

MUDANÇAS

TRANSPORTE AO QUILÓMETRO
SERVIÇO PERMANENTE

NA PRAÇA OU TELEFONE 42453

Novos Assinantes

Deram-nos o prazer de se inscreverem, nos últimos dias, no número dos nossos assinantes os Ex.^{mas} Senhores Engenheiro Mário Valente Marques, residente em Lisboa; Marcelo da Graça Nunes, Dondo, Moçambique; por intermédio do nosso prezado amigo Sr. António Mendes dos Santos, da Graça — Pedrógão Grande; Miguel Carvalho Rosinha, radicado em Lourenço Marques por indicação do nosso estimado conterrâneo Sr. Fernando Lopes Mendes.

A todos os nossos agradecimentos.

AGENTE DE SEGUROS

Lidia do Céu Godinho Avelar

Telefone 42118

Rua Dr. José Martinho Simões

FIGUEIRO DOS VINHOS

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE

Soc. Comercial Figueiroense, L.da

(ANTIGA PRISTA)

Telefone 42481

FERRAGENS e AGENTE DAS TINTAS MARLUX

Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da

FIGUEIRO DOS VINHOS

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA

INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRO DOS VINHOS

Telefone PBX — 42450

Sensacional!

Pela primeira vez

em

Figueiró dos Vinhos

Reconstrução de Colchões de Molas

Estofagem de Móveis simples ou de estilo

Renovação parcial ou total de interiores em

Automóveis — Beleza nos acolchoamentos

Perfeição e bom gosto

Mário Estofador

(Mário Santa Eufémia Cachucho)

Trabalha por conta própria na Oficina Barreiros

Telefone 42184 P. F.

Uma solução para cada caso ● todos os casos com solução

Confie-nos o seu problema de estofos

Estofador é a nossa profissão

Conduzir no Inverno

De Inverno, quando a natureza nos oferece quadros duma agressividade espectacular, ou quando o sol cobre a sua nudez com um manto brilhante, é agradávelíssimo rolar pelas estradas confortavelmente instalado num automóvel. E, qualquer viagem que se fizesse através do nosso belo País, de obrigação ou de turismo, sempre isso deveria ser: uma coisa agradávelíssima.

Acontece, porém, que se está a tornar impossível que assim seja. Como também raras vezes se poderá afirmar que conduzir ou viajar nas nossas estradas é o verdadeiro prazer que devia ser.

Efectivamente, pelos riscos que comporta, qualquer pequeno percurso é motivo de angustiosa perspectiva—isto por as coisas irem como vão. Tornaram-se de tal modo frequentes os desastres de trânsito, que insensato seria pensarmos que estamos fora do caso.

Ora, além do imperativo moral que nos leva a alistarmo-nos todos para esta batalha pela segurança no trânsito, não deixa de ser digno de consideração este motivo de defesa pessoal. E um facto não exclui o outro. O respeito pela vida e pela integridade física, em geral, deve estender-se, sem dúvida, a nós e aos que que conduzimos, e que, de modo algum, aceitaram um convite para a morte.

O civismo e a educação do sentido da responsabilidade são, realmente, um aspecto a considerar, com infatigável insistência, na luta pela diminuição de acidentes rodoviários. No entanto, não é apenas com o seu correcto comportamento que uma pessoa fica livre de qualquer hipótese de acidente. Torna-se escusado dizer que lhe são indispensáveis o conhecimento das possibilidades e limitações da máquina que conduz assim como dos seus próprios recursos. E sobretudo ter sempre presente que o procedimento de quem pega num volante, se tem de partir sempre da máxima prudência, também deve adaptar-se às circunstâncias com que se depara, as quais tanto dizem respeito propriamente ao trânsito e à configuração da estrada, como às características da época do ano que se atravessa.

É o caso do Inverno. Inegavelmente, deparamos então com dificuldades que podem transformar-se em situações do maior perigo. O vento, a chuva, as frias camadas de gelo que fazem da estrada numa pista escorregadia, o piso lamacento que parece «puxar» o carro para fora da mão—eis outros tantos perigos que só esperam a nossa imprevidência para concretizarem as suas ameaças.

Efectivamente, o Inverno obriga-nos a um reforço constante de cautela. As forças da natureza são superiores às nossas. Defrontá-las sem precaução especiais é loucura. Começemos por verificar se os nossos carros estão preparados para a dura época que atravessamos. Depois, não nos esqueçamos um só momento que nesta luta desigual só uma extrema prudência pode ajudar-nos a vencer. Finalmente, lembrarmo-nos de que, mesmo factos que nos parecem vantajosos, por nos proporcionarem conforto, diminuem as nossas vantagens. Por exemplo, o recurso ilusório ao álcool ou ao café, em excesso, para ganhar energia; refeições demasiado pesadas no decurso da viagem; temperatura alta no interior do carro provocando um estado de adormecimento...

O Inverno apresenta-se este ano de mau cariz. Redobremos de cautelas, se não queremos contribuir para o aumento do número catastrófico de acidentes rodoviários que se verifica entre nós.

(Prevenção Rodoviária Portuguesa)

Aluga-se

o Café Avenida

tratar com Joaquim da Silva — Rua Major Neutel de Abreu — Figueiró dos Vinhos.

Visado pela Comissão de Censura

UM PARQUE DE CAMPISMO

Da Página 1

querer pressagiar uma tragédia de dimensão universal?

A resposta é simples e a minha intenção modesta.

A *Natureza* pôs, nas mãos criminosas da *doença da tinta*, o encargo de exterminar as matas (soutos) de castanheiros que, com as suas fortes pinceladas de verde-escuro, contribuíam para reforçar o embelezamento dos quadros das nossas admiráveis paisagens, enriquecer de frutos —castanhas— as nossas despensas que, por sua vez, as dispensavam aos assadores, aos canicos para pimento ou aos magustos.

Estes eram, com frequência, motivo de convívio fraterno, de festa e alegria para adultos, jovens e crianças que a água-pé se encarregava de incentivar e o baile de finalizar. Quão grande é a minha saudade desse tempo pacífico, esperançoso e feliz em que os corações se não sentiam, como, na hora decorrente, oprimidos pelo preságio de uma hecatombe universal e atómica para cuja definição me confesso impotente! E' que ignoro se será Deus (os pecados são tantos e tão graves!) se os Homens que a libertarão das cadeias de fragilidade vítrea que a amarram.

Que será feito dos soutos—*Grande*, do Portolão, da Arroiteia e de tantos outros que os nossos *Avós*, por amor dos netos, plantaram e conservaram com extrema dedicação e ainda existiam quando eu era *menino e moço*?

Os Homens, por acharem arreliante e moroso o ritmo imprimido pela *doença da tinta* à destruição dos soutos, aliaram-se-lhe para uma maior aceleração destrutiva.

Exagero? Minto? Se não se tornou em erro, há menos de uma dezena de anos, a Rua do Areal, no trecho compreendido entre a Fonte e o cruzamento com o ramal que põe em comunicação a estrada nacional que serve a Castanheira de Pera com o Largo de S. Sebastião, possuía, do lado esquerdo, uma, álea de castanheiros que, pela importância do porte, vigor, saúde e viço, imprimia ao local uma vincada nota de beleza, beneficiava a economia particular e, por intermédio desta, a concelhia e, portanto, a nacional e, qual umbela de pano verde-escuro, marchetada pelas esmeraldas dos ouriços e armada pelas fortes varetas ramosas, abrigava repousantes e viandantes dos raios ardentes do sol estival e, na sombra fresca, suave e perfumada, oferecia-lhes um banho de inefável doçura.

Pois bem: um belo (que digo? belo?! oh! não! mau) dia apareceu, ali, a serra mecânica e, como se os castanheiros fossem seus figadais inimigos, deu em dentá-los com sanha tão feroz que só descansou quando as suas vítimas estavam prostradas, inertes e feitas em postas.

Passei por lá nessa hora triste. A minha comoção foi profunda (brinquei sob a protecção da sua sombra amiga) e, num ápice, aflorou-me ao pensamento a ideia de me encontrar perante um campo de batalha onde acabara de travar-se uma renhida, carniciada e impiedosa luta com baixas apenas, felizmente, num dos partidos belicos—o arvóres. Os despojos, o revolvimento da terra e o decepamento de outras árvores eram testemunho

evidente da batalha. E o campo desta que, horas antes, era uma doce mansão, convertera-se num local triste e ermo.

Desejo esclarecer que estas palavras, desagradáveis, embora, não enroupam qualquer censura, crítica ou desaprovação pelo seguinte:

Primeiro—A família, proprietária dos castanheiros, a que laços de amizade me prendem, gozava do pleno direito de decidir sobre o destino a dar-lhes e, portanto, estava isenta de qualquer contestação a não ser a da própria consciência;

Segundo—Houve, certamente, fortes razões, a que não foi possível fugir, que condenaram os desventurosos castanheiros à pena última;

Terceiro—O objectivo das minhas palavras é, apenas, manifestar a minha tristeza e, certamente, a de outros Figueiroenses pelo desaparecimento forçado das lindas e ramosas árvores.

Os carvalhos, embora, em parte, mais venturosos do que os seus companheiros e amigos da floresta, por não terem que haver-se com a doença mortífera da *tinta*, têm, todavia, como eles, um inimigo comum—a serra mecânica, substituta do machado acutilante e mais rápida e eficiente no serviço de que ele, considerado já um autêntico *bota-de-elástico*. Que se não desconsola porque tem, entre os humanos, muitos companheiros. Eu, por exemplo, sou um deles porque os *tecidos* do meu espírito já estão tão envelhecidos e duros que, ainda que eu quisesse dar-lhe uma forma actual, toda «pop» seria esforço vão.

De facto, na *Nossa Região* (e de certo em *Outras* porque, quando o mal vem a Vila Verde, todos sofrem dele) os Homens estão, de há anos a esta parte, com frequência e sanha demolidora, inexistente no meu tempo de criança, não obstante o uso da madeira de carvalho ser mais intensivo do que actualmente, a abater, sem compensação, os carvalhos. Os nossos *Avós* sacrificavam, em holocausto às suas necessidades, um carvalho mas tinham o cuidado de plantar logo dois. Hoje, o procedimento dos *Netos* é diferente: abate-se um carvalho mas não se planta nenhum.

Está nisto, a meu ver, a diferença existente entre as duas épocas: a *materialista* de agora e a *espiritualista* de outras eras; Qual delas a mais feliz?

Não estará, como o castanheiro, em grave perigo de extinção, nas nossas florestas, o altivo, útil e belo gigante das montanhas?

Desejam exemplos? Vou apresentar-lhes alguns.

A antiga estrada de Aldeia de Ana de Avis, com origem no Largo de São Sebastião, tinha, no trecho correspondente à Cardiga, do lado direito e no coroadamento da trincheira estradina aí existente, um renque de belos exemplares carvalhinos que lhe ofereciam sombra, frescura e beleza. Quis o *Destino* que a serra mecânica, qual alcateia de lobos, ali aportasse, também, e, como se fossem ovelhas, os dizimasse num abrir e fechar olhos.

Aos *Leitores* que me não queiram acreditar, peço o favor de irem verificar os factos com os próprios olhos, como faria S. Tomé para crer. Recomendando-lhes que, se for no Verão, levem consigo guarda-sóis para se

A nossa primeira Central Nuclear

No âmbito do Plano de Fomento, o País está a realizar uma tarefa que muito contribuirá para o seu avanço em todos os sectores da actividade humana. Um dos pontos capitais desse avanço reside na possibilidade de dispormos ou não de fontes de energia.

Ora, conforme referiu há pouco o Ministro de Estado, Dr. Mota Campos, o desenvolvimento metropolitano tem vindo a processar-se a um ritmo tal que a produção e o consumo de energia têm duplicado e continuarão a duplicar em cada período de sete anos—taxa de crescimento que traduz inequivocamente um elevado índice de acelerado progresso económico e social.

O esforço técnico e de investimento que tal crescimento da produção claramente exprime será melhor aferido por quem conheça os gigantescos aproveitamentos hidro-eléctricos até hoje realizados nos nossos rios (entre eles avultam as grandes barragens no Cávado, no Douro, no Zêzere e no Tejo) ou as grandes centrais térmicas instaladas no país e saiba que até ao fim da presente década teremos de pôr a funcionar novas centrais cuja capacidade de produção excederá tudo quanto hoje possuímos—porque dentro de 7 a 8 anos estaremos a consumir em Portugal o dobro da energia que em 1972 é produzida em todas as nossas centrais térmicas ou hidroelétricas, consideradas em conjunto.

Esta nota tão objectiva e tão simples dá-nos uma noção da

protegerem do sol num local onde há poucos dias eram desnecessários porque havia lá os que os carvalhos nos ofereciam de graça com a vantagem de a sombra por eles projectada ser mais intensa, fresca e perfumada.

Outro exemplo, que desejo apresentar-lhes, teve o seu cenário na minha terra natal—o Chavelho.

No ano lectivo de 1909-1910, era aluno do Seminário de Coimbra. As férias passava-as na companhia de meus Pais, irmão e irmãs naquele lugar onde residiam. Nesse tempo recuado, havia, junto ao terreiro, conhecido por *Eira*, um carvalho. Separado apenas por uma rua, possuía o lavrador João das Hortas um quintal marginado em dois dos seus lados por carvalhos centenários e, nas propriedades contíguas (uma delas pertencente a meus Pais) existiam, igualmente, outras árvores da mesma espécie e categoria. Por mal dos nossos pecados, todas elas, com razão ou sem razão, foram condenadas à morte não tendo deixado descendência. O último dos carvalhos a ser executado era de meu irmão e erguia-se altivo e nobremente, numa sorte de terreno que, por herança materna, ficou pertencendo àquele membro da minha irmandade. Foi imerecida a condenação e ofendida a gratidão porquanto o roble amigo se desfazia, todos os anos, em bolota que, segundo minha Mãe, era suficiente para cevar um porco. O carvalho da *Eira* foi abatido para dar lugar às casas e quintais lá existentes e os outros para, convertidos em madeira ou lenha, serem, assim, como uma espécie da *Casa de Moeda*.

José Rodrigues Dias
Conclui no próximo número

Pagamento de Assinaturas

Procederam à regularização das suas assinaturas nos últimos dias, pessoalmente na nossa Redacção ou por outras vias, os nossos prezados assinantes, cujos nomes damos a seguir, apresentando a todos os nossos sinceros agradecimentos.

António José de Carvalho, Casal da Francisca; Ambrósio da Conceição Simões, Salgueiro da Lomba; António Coelho Rita, Inhaminga-Moçambique; Sebastião Mendes Medeiros, Évora; António Antunes Assunção, Almofala de Baixo; Carlos Mata da Silva Feitor, Salisbury; Manuel Mendes, Atalaia Cimeira; António Dominges de Carvalho, Alagoa; Acácio da Piedade Santos, Lourenço Marques; António Mendes Junior, Atalaia Cimeira; Américo da Silva Quaresma Figueira da Foz; Eugénio da Silva Rocha Marques do Rego, Lourenço Marques; Mário Augusto Quevedo, Rio Maior;

grandeza do esforço em técnica e em dinheiro que se impõe realizar; e ajuda a compreender como os nossos recursos hídricos começam a ser escassos—razão por que, apelando para os conhecimentos técnicos e científicos, para a experiência acumulada e para os recursos naturais de que felizmente dispomos estamos a trabalhar para no momento oportuno proceder à instalação da nossa primeira central nuclear.

Manuel Ribeiro Martins, Luxemburg; Basílio Ribeiro Moutinho, Castanheira de Pera; Dr. Fernando Garrido Branco, Dr. Mário da Costa Armelino, António Correia Gomes da Costa, Adérito dos Santos Simões Arinto, António da Silva, Joaquim dos Santos Oliveira, Francisco Rodrigues Ferreira, Joaquim Estevão Rodrigues, Justino Mendes Medeiros, José Lucas Prior, António da Silva Miranda, D. Ermelinda da Conceição Aleixo, Manuel Simões Fidalgo Junior, Cipriano Prior Ladeira, Manuel Henriques Conceição, José Pereira Mendes, José da Conceição Ferreira, Carlos Henriques, Carlos Lopes dos Santos, Cipriano da Silva Ladeira, Emídio Emílio de Almeida, Euclides Rodrigues Cebolo, Isidro da Conceição Maria, Manuel Pereira da Silva, Virgílio do Carmo Rodrigues, Afonso Henriques Morgado, Américo da Silva Pavia, António de Jesus Lopes, Carlos Gaspar, Jorge da Silva Telhada Lopes, e Agência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, todos de Figueiró dos Vinhos.

Aceita Escritas

António da Conceição Campos
(Inscrito na D. G. C. I.)

Figueiró dos Vinhos

Telefone 42129

Ao escolher...

o seu Frigorífico
Televisor ou Rádio

A sua máquina
de Lavar Louça ou Roupa

ou qualquer aparelho Electro-Doméstico
qualquer que seja a marca
e Máquinas de Costura e Fogões a Gás OLIVA

Não compre sem consultar a
Ourivesaria Lourenço
em Figueiró dos Vinhos

PREÇOS DE RECLAME
Televisores com 2.º programa a 3800\$00
Frigoríficos de 140 litros a 2300\$00
Rádios a 100\$00

e a vantagem incomparável
de assistência permanente
em todos os artigos que vende
Só na Ourivesaria Lourenço
Telef. 42105 Figueiró dos Vinhos

